

**DIFUSÃO DOS GRUPOS ESCOLARES NAS CIDADES  
INDUSTRIAIS DE SERGIPE (1911-1926)**  
*DISTRIBUTION OF PRIMARY SCHOOLS IN INDUSTRIAL  
CITIES OF SERGIPE (1911 - 1926)*

*Magno Francisco de Jesus SANTOS<sup>1</sup>*

**Resumo:** Os primeiros grupos escolares de Sergipe foram implantados no segundo decênio do século XX, dentro de um projeto modernizador de Aracaju e das principais cidades do interior sergipano. Esse artigo investiga sobre a propagação dos grupos escolares nas cidades que possuíam fábricas de tecidos, evidenciando a relação entre dois ícones da modernidade e preparação da mão-de-obra para as tecelagens. Assim, se torna possível vislumbrar que os discursos da modernização das cidades brasileiras não ocorreram simplesmente pela edificação de monumentos públicos, mas também com a redefinição de políticas públicas no intuito de moldar corpos para o campo de trabalho.

**Palavras-chave:** Grupos escolares. Fábricas. Modernidade.

**Abstract:** The first school groups of Sergipe were implanted the second decade of the twentieth century, within a modernizing project of Aracaju and cities of Sergipe. This article investigates the spread of school groups in cities that had textile mills, showing the relationship between two icons of modernity and preparation of manpower for the textile industry. Thus, it becomes possible to discern the discourses of modern Brazilian cities did not occur simply by the erection of public monuments, but also with the redefinition of public politics in order to mold bodies into the field.

**Key words:** School groups. Factories. Modernity.

O processo de difusão dos grupos escolares sergipanos está relacionado às medidas modernizadoras das cidades. A partir do alvorecer do século XX em Sergipe, algumas cidades estavam sob a exultação dos progressos econômicos, que convergiram na edificação de prédios e monumentos com traços sob o augúrio da modernidade. Tratava-se do embelezamento das cidades.

As escolas foram disseminadas nas cidades em que havia maior desenvolvimento econômico. Portanto, para entendermos o processo de disseminação

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Educação pela UFS.

dos grupos pelo interior sergipano, é necessário esquadrihar o contexto sócio-político do estado daquele período. A escolha das cidades que seriam beneficiadas com a edificação de uma das escassas ilhas de civilização não era realizada aleatoriamente. Podemos induzir que existiam alguns critérios que deveriam ser observados pelas lideranças políticas da República Velha em Sergipe. Os coronéis de maior capital simbólico<sup>2</sup>, que ocupavam os elevados cargos do estado deveriam ter interferência nesse processo de seleção das cidades que passariam pelo embelezamento e modernização do ensino. Um sinal que pode explicar isso é a nomenclatura<sup>3</sup> dos grupos escolares, que revela a influência do campo político na educação.

Na economia local predominava a produção de açúcar e algodão. Eram as velhas oligarquias açucareiras que permaneciam no poder, buscando novas estratégias de legitimação econômica<sup>4</sup>, de renovação do poder hegemônico. Todavia, existia um novo segmento de produção que vinha se desenvolvendo no cenário estadual. Eram as fábricas de tecidos, que tinham impulsionado o incipiente processo de industrialização de Sergipe. Segundo Ibarê Dantas:

---

<sup>2</sup> Segundo Pierre Bourdieu, o capital não pode ser vislumbrado apenas na perspectiva financeira. Existe também um mercado paralelo, de bens simbólicos, em que os sujeitos envolvidos do campo disputam um melhor posicionamento e acúmulo de capitais simbólico, cultural, social, intelectual, etc. É como acúmulo desses capitais que ocorre uma redefinição do posicionamento no campo (BOURDIEU, 2005). No campo político sergipano no decorrer da Primeira República predominou os impasses entre os dois principais grupos opositores: Cabaús e Pebas. Os políticos buscaram a legitimação no campo utilizando-se de diferentes estratégias, entre as quais, com a disseminação dos grupos escolares e a criação da memória política (DANTAS, 2004).

<sup>3</sup> Parte considerável dos grupos escolares sergipanos implantados no período em estudo teve sua nomenclatura associada a alguma expressão da política, sendo muitos deles atrelados à República. São exemplos dessa situação os grupos General Siqueira, General Valadão, Coelho e Campos, Olympio Campos, Fausto Cardoso e Coronel João Fernandes de Brito. Dois deles estão mais associados à memória política do Império: Barão de Maruim e Vigário Barroso. No entanto, essa especificidade tem uma explicação, pois no primeiro caso o prédio foi edificado no terreno doado pelo barão e no segundo ocorreu uma adaptação do velho sobrado e homenageou o mais renomado orador sacro de Sergipe no século XIX. Os demais grupos homenagearam a memória de outras personagens que também podem ser atribuídas à República.

<sup>4</sup> Foi no início do século XX que galgou impulso o processo de modernização da produção do açúcar, com a gradativa substituição dos engenhos bangüês pelas modernas usinas. Apesar de ocorrer como se fosse um processo modernizador, os dados revelam que concomitante a essa substituição ocorreu a redução de propriedades, que podem denotar a concentração de terras ou o declínio da economia açucareira. Segundo as mensagens presidenciais à Assembléia Legislativa, em 1903 existiam 643 engenhos e apenas 14 usinas. No ano de 1927 havia apenas 220 engenhos, enquanto o número de usinas tinha sido elevado para 86 (ESTADO DE SERGIPE, 1903/ 1927. APES).

Distribuída em cinco municípios diferentes, a atividade têxtil foi participando do mercado nacional e assumindo importância crescente na economia do Estado. A maioria das fábricas utilizava a lenha como combustível, apenas a Senhor do Bomfim e a industrial de Propriá usavam petróleo. Em todas elas o contingente de operários era bastante elevado, notando-se predominância do sexo feminino, exceto na de Vila Nova, onde a quantidade de homens superava a de mulheres (DANTAS, 2004, p. 50).

Coincidência ou não, os cinco municípios que possuíam fábricas de tecidos tiveram a implantação de grupos escolares no decorrer da Primeira República, nas duas décadas da era dos grupos escolares em Sergipe (1911-1926). Como em história nada pode ser visto como resultante do acaso, é relevante tentarmos compreender o processo de implantação dos grupos associando-os ao funcionamento das fábricas de tecidos. Seriam os grupos espaços de formação/qualificação da mão-de-obra fabril?

Em alguns casos, isso pode ser sim uma hipótese verídica. Já vimos que muitos elementos dos grupos escolares remetiam ao universo cotidiano das fábricas, principalmente aos mecanismos de controle dos corpos, racionalização dos espaços, vigilância hierarquizada. Grupo e fábrica eram ícones de uma modernidade que paulatinamente chegava a Sergipe. Estudos como o de Rosa Fátima de Souza demonstram que o processo de implantação da escola graduada seguia o caminho do desenvolvimento econômico, pois em São Paulo os grupos teriam sido implantados nas localidades produtoras de café, carro-chefe da economia nacional (SOUZA, 1998). As duas instituições foram disseminadas como ícones da modernidade.

Em Sergipe, a nau da implantação seguiu outros rumos. Mesmo a economia local estando ainda atrelada à produção açucareira, os grupos escolares não foram criados prioritariamente nos grandes centros produtores de açúcar. Laranjeiras, Maruim, Riachuelo, Divina Pastora não assistiram a inauguração de grupos nesse período, mesmo sendo importantes cidades na economia local. Parte considerável dos grupos foi implantada nos centros que possuíam a novidade em terras sergipanas, as fábricas de tecidos que necessitavam de profissionais com melhor qualificação, o que não ocorria com um engenho. Na mensagem de Manuel Oliveira Valadão há dados<sup>5</sup> a respeito das fábricas de tecidos no estado que evidenciam a relevância destas no cenário urbano das cinco cidades sergipanas.

---

<sup>5</sup> Esse quadro foi reproduzido na íntegra por Ibarê Dantas em História de Sergipe tentando demonstrar as transformações ocorridas no campo econômico (DANTAS, 2004, p. 50).

QUADRO I  
Fábricas de tecidos no estado de Sergipe em 1918

Ano de criação e Município	Nome da Fábrica	Firma Social	Capital	Nº de teares	Nº de operários
1882/ Aracaju	Sergipe Industrial	Cruz, Ferraz e Cia	1.000.000\$	320	702
1918/ Aracaju	Fábrica Confiança	Ribeiro Chaves & Cia	600.000\$	230	425
1891/ Estância	Santa Cruz	Cia Industrial de Estância	1.250.000\$	300	530
1914/ Estância	Senhor do Bonfim	Silveira, Ribeiro & Cia	800.000\$	186	380
1913/ Propriá	Empresa Industrial de Propriá	Brittos, Menezes & Cia	600.000\$	170	400
1915/ São Cristóvão	Empresa Industrial de São Cristóvão	Andrade Chaves & Cia	1.000.000\$	220	316
1906/ Vila Nova	Fábrica de Fiação e Tecidos de Algodão	Peixoto, Gonçalves & Cia	1.000.000\$	250	580
Vila Nova	Empresa Têxtil	A. Antunes & Cia	300.000\$	120	330
Total				1.796	3.663

FONTES: VALADÃO, Oliveira. *Mensagem dirigida à Assembléia Legislativa de Sergipe*. Aracaju: Imprensa Oficial, 1918.

No Quadro I emerge um dado revelador. Duas importantes fábricas de tecidos tinham como proprietários pessoas associadas aos homenageados na nomenclatura dos grupos escolares. José Augusto Ferraz<sup>6</sup> e João Fernandes de Brito tiveram suas memórias perpetuadas nas escolas graduadas de Sergipe, evidenciando que a criação de tais instituições de ensino acompanhava o curso de instalação das fábricas<sup>7</sup>. Isso confirma a hipótese de que a relação entre os grupos escolares e as fábricas não era apenas uma estratégia da retórica discursiva ou uma metáfora arquitetônica. Os grupos escolares também deveriam moldar os corpos para o trabalho fabril<sup>8</sup>. Outro sinal que

<sup>6</sup> O grupo que o homenageou foi construído no terreno doado por sua família.

<sup>7</sup> É importante frisar que as obras do Grupo Escolar de Vilanova foram contratadas pelo industrial da cidade, Augusto César Antunes (VALADÃO, 1918, p.18). Isso reforça a hipótese do interesse dessa incipiente elite industrial sergipana na expansão dos grupos, pois três grupos estavam diretamente ligados às fábricas de tecidos e as primeiras cidades interioranas a receberem tais instituições foram as dotadas de indústrias.

<sup>8</sup> Existem evidências que confirmam a hipótese da relação da expansão dos grupos escolares nas cidades que possuíam fábricas de tecidos. O general Valadão destacou a importância de expandir os grupos pelo interior informando "Na justificável compreensão de que não somente a capital mas também o interior deve receber os benefícios supervenientes dos Grupos Escolares, resolvi a edificação de mais dois desses productivos nucleos de ensino, sendo um na Estância, adiantada cidade do Sul, e o outro em Villanova, a industrial cidade banhada pelo S. Francisco. Para essas construções foram adquiridas

evidencia a relação entre a difusão dos grupos escolares e a industrialização de Sergipe é a similitude da arquitetura entre os prédios escolares e as fábricas de tecidos, como evidencia a Figura 1.



Figura 1: Fábrica de Tecidos Sergipe Industrial.

FONTE: Acervo Iconográfico Rosa Faria. Memorial de Sergipe. RFI 0188.

Partindo dessa constatação, podemos deduzir que a criação dos grupos escolares em Sergipe também esteve associada à instalação das fábricas, como uma possibilidade de preparar os futuros operários. Contudo, é preciso atentar-se para o fato de que nem todas as cidades que tiveram grupos escolares instalados nesse período estavam atreladas à questão fabril. Cidades como Lagarto, Boquim, Capela e Simão Dias não possuíam fábricas de tecidos e, no entanto, tiveram grupos escolares. O que isso poderia estar denotando? Seria uma contradição da época? Aparentemente não. A criação das escolas graduadas refletia os interesses de lideranças políticas e econômicas de Sergipe e por esse motivo é evidente que personalidades ligadas ao setor industrial tentassem fortalecer seus nomes estimulando a criação de instituições educativas. Era mais uma estratégia de legitimação político-social. Somente isso explica a atenção dada também pelos proprietários de engenhos de açúcar, associados no Comício Agrícola, que financiaram em parte a edificação do Grupo Escolar General Valladão em Aracaju. Todos almejavam o mesmo fim: a legitimação, a criação de uma

---

naquellas cidades, em locais apropriados, as áreas necessárias e demolidos os velhos prédios que nelles existiam” (SERGIPE, 11-09-1917).

memória de benfeitores da educação. Assim, pode-se afirmar que os industriais de Sergipe buscaram apoiar a disseminação dos grupos escolares em seus respectivos municípios, mas essa não foi uma ação exclusiva desse segmento econômico. Outros atores atuaram nessa trama, entre os quais os usineiros. Com isso, os grupos escolares foram implantados nas cidades em que existiam personagens membros da elite política e econômica do estado, tanto ligada à indústria como também ao setor agropecuário.

Isso também refuta a idéia de que os grupos escolares foram criados exclusivamente para atendimento da elite, como parecem apontar alguns estudos<sup>9</sup>. As fontes produzidas acerca do universo educacional primário sergipano nos três primeiros decênios do século XX denotam que muitos grupos escolares atendiam também a alunos de baixa renda, que possuíam dificuldades em atender as exigências higienistas e homogeneizantes dos grupos.

Esse fato pode ser elucidado se observarmos a existência dos caixas escolares<sup>10</sup> que tinham a finalidade de sanar esses problemas. Nas décadas em que prevaleceu a criação de grupos escolares imponentes em Sergipe (1911-1926), ocorreu um grande estímulo a proliferação das caixas escolares, que também produziam uma memória na nomenclatura. O governo Pereira Lobo ao realizar a sua mensagem no ano de 1921 enaltece as ações de tais instituições no campo educacional:

Continúa em pleno desenvolvimento e prestando inestimável serviço a infância pobre de nossa terra, esta illustrissima e philanthropica instituição. Amparados pelo governo e pelo povo sergipano, as caixas escolares, em sua generosa obra de fornecer aos alumnos pobres, roupas, calçados, livros e outros accessorios escolares conforme seus recursos, têm afastado providencialmente as dificuldades que privavam as crianças desprotegidas da fortuna de freqüentarem as escolas, constituindo-se dest'arte valiosas auxiliares na guerra que movemos contra o analphabetismo (SERGIPE, 1921, p.21).

As caixas escolares demonstram que o público dos grupos era variado. Se existiam alunos das camadas mais abastadas da sociedade, existiam também em seus bancos alunos desprovidos das mínimas condições de se manterem sob as exigências da nova pedagogia e do higienismo. Mas existem outras evidências da pobreza

---

<sup>9</sup> Entre esses estudos podemos destacar Ribeiro e Souza (2008) e, em certa medida, Souza (1998).

<sup>10</sup> Concomitantes com a edificação dos grupos escolares foram criadas caixas escolares associadas a cada instituição escolar e que tinha por finalidade arrecadar fundos oriundos de doações de "benevolentes" para o auxílio aos alunos que não tivessem condições de comprar os materiais didáticos e fardamentos, que eram exigências nesse modelo de escola. Na mensagem do presidente Pereira Lobo de 1920 há a seguinte definição: "instituições civis destinadas a amparar e proteger a infância pobre, a quem mingnam os recursos para a aquisição de livros e utensílios necessarios ao ensino, ellas vêm preenchendo uma extensa valla, que até bem pouco se cavava, escansilada, entre a pobreza e a escola, impedindo que tivesse aquella um lugar condigno entre os acolhidos por esta" (SERGIPE, 1920, p. 26).

estudantil. A República que tanto se vangloriava, que exibia os avanços da instrução pública e a marcha do país nos trilhos da civilização, escondia alguns entraves. Estes apareciam discretamente nas mensagens e principalmente na imprensa. Mesmo havendo um discurso explicitamente propagandístico das ações do governo e dos progressos cívico-educacionais, podemos buscar nas entrelinhas sinais dos problemas com a pobreza estudantil. Assim o Diário da Manhã de 1918 destacou o desfile da Independência de 1918:

Seguiram-se o Grupo Modelo, a Escola Complementar, O Grupo General Siqueira, muito vistoso, todos conduzindo os seus estandartes; o Grupo Barão de Maroim, não uniformizado ainda, o corpo docente do Grupo General Valladão, com o seu director, Dr. Alexandre Freire, e escolas isoladas (DIÁRIO DA MANHÃ, 1918).

Os problemas no campo educacional eram variados, mas o entusiasmo com os grupos escolares alastrou-se por Sergipe. Membros da intelectualidade e da elite discursavam em prol da disseminação dos modernos prédios escolares que levariam a civilização para os lugares mais longínquos. Emergiam assim, as falas que enfatizavam o embelezamento das cidades e a preocupação com a visibilidade da educação. Esta não seria realizada somente entre as paredes da sala de aula, mas também buscava extrapolar os limites da escola por meio da magnificência dos edifícios. Era a educação estética para a população.

No cenário urbano das cidades sergipanas os grupos escolares se tornaram ícones do esmero republicano na esfera educacional. Em meio aos quarteirões com casas modestas emergiam imponentemente os edifícios escolares, sobressaindo-se na paisagem das urbes como construção pública, como palácio. Essa preocupação estética das fachadas dos grupos estava presente na maior parte dos grupos inaugurados no período estudado. Mesmo nas construções adaptadas percebe-se a atenção dada para a grandiosidade arquitetônica, mesmo que fosse necessário realizar reformas para deixá-los condizentes com a proposta arquitetônica atribuída aos mesmos. Isso transparece no Grupo Escolar Coelho e Campos, implantado no edifício doado pelo ministro natural de Capela. Situado em uma praça arborizada da cidade e cercado de casarões com traços de imponência, o prédio doado pelo Presidente do Supremo Tribunal apresentava sua magnitude com seus dois pavimentos, como apresenta a Figura 2.



Figura 2: Praça XV de novembro com o sobrado do Grupo Coelho e Campos  
FONTE: Acervo Iconográfico Honorino Leal. Memorial de Sergipe. HLI 0012.

Como se pode perceber, mesmo havendo uma considerável concentração de prédios com estilos distintos e imponentes, na fotografia o realce fica por conta do sobrado em que funcionava o Grupo Coelho e Campos, único com dois pavimentos<sup>11</sup>. Na educação estética distinguir-se das demais construções era notório para os edifícios dos grupos. Era necessário mostrar-se diferente das construções civis para estruturar a imagem de escola como prédio público, reflexo dos anseios dos governantes com nova roupagem. Por esse motivo, alguns grupos foram edificadas nas proximidades de monumentos públicos (Figura 3), pois os dois possuíam a mesma função: delegar uma memória daquele tempo ao futuro. Tratava-se de uma memória proposital, com o intuito de delegar ao futuro e construir no presente uma imagem de si. Isso reforça as discussões empreendidas por Jacques Le Goff (1996) a respeito do caráter monumental do documento. Um exemplo elucidativo desse diálogo estético de monumentos nas vias públicas ocorreu na cidade de Capela, localidade em que o grupo escolar ficava defronte a um monumento.

<sup>11</sup> A estrutura do sobrado teria sido um dos principais motivadores da transferência do Grupo Escolar para o edifício da antiga intendência municipal em 1926, como atestam as mensagens presidenciais de Graco Cardoso (CARDOSO, 1925).



Figura 3: Monumento Público defronte ao antigo prédio do Grupo Coelho e Campos.  
FONTE: Acervo Honorino Leal Iconográfico. Memorial de Sergipe. HLI 0013.

Assim, para compreender o discurso arquitetônico dos grupos escolares sergipanos criados entre 1911 e 1926 é preciso ir além da sala de aula, lançar o olhar para a externalidade dos mesmos, observar a relação do grupo com a cidade. É necessário entendê-lo por outro ângulo, a partir das paredes para fora, para a rua, para o povo comum, o transeunte. Os grupos foram criados para serem vistos e, acima de tudo, admirados pela população como uma obra fruto do empenho da República.

A localização privilegiada foi outro instrumento de legitimação dos grupos escolares como instituições de ensino primário e prédio público. Geralmente os prédios eram construídos nos centros das cidades, quase sempre em uma praça de grande visibilidade. Essa proposta foi mais evidente nas cidades do interior, pois as escolas eram construídas preferencialmente em praças, nas proximidades dos demais edifícios públicos, conforme observa o Quadro 2:

QUADRO 2  
Localização dos Grupos Escolares do interior

Grupo Escolar	Localização	Cidade
Coelho e Campos	Praça 15 de novembro	Capela
Gumersindo Bessa	Praça da Matriz	Estância
Vigário Barroso	Praça da Matriz	São Cristóvão
Sílvio Romero	Praça do Rosário	Lagarto
Fausto Cardoso	Praça Barão de Santa Rosa (da Matriz)	Simão Dias
Coronel José Fernandes de Brito	Praça Fausto Cardoso	Propriá
Coelho e Campos <sup>12</sup>	Praça Manoel Cardoso	Capela
Olímpio Campos	Praça General Valadão	Vila Nova
Severiano Cardoso	Avenida Joaquim Macedo	Boquim

FONTE: Mensagens de presidentes de Sergipe (APES, Mensagem, 1921-1926) e Berger (2005). Quadro elaborado pelo autor.

Provavelmente, a disseminação dos grupos pelo centro das cidades tenha sido uma estratégia de propiciar a educação estética, pois ao andar pelas ruas da cidade, alunos e população poderia contemplar os palácios públicos, símbolos do poder e da atenção dada por este ao universo educacional. Neste ensejo, andar por tais cidades era sinônimo de ter uma aula pública sobre o poder, a República e seus heróis<sup>13</sup>.

Devemos lembrar que os grupos foram responsáveis pela criação da identidade escolar, pois a grandiosidade dos prédios servia para maravilhar os olhos infantis, consolidar o regime republicano, testemunhar a valorização que o Estado atribuía ao ensino, cumprindo sua funcionalidade de ser escola. A proximidade dos grupos escolares dos demais edifícios públicos deve ser vista como a “linguagem arquitetônica espacial” (BUFFA; PINTO, 2002, p. 25). Os desdobramentos dessa retórica espacial dos grupos em Aracaju acarretaram em graves problemas no preenchimento das vagas. Os grupos da capital concentravam-se no centro da cidade e propiciaram problemas sérios no preenchimento das vagas. O governo Graccho Cardoso explicitou os impasses gerados pela proximidade entre os grupos General Siqueira, General Valadão e Barão de Maruim.

<sup>12</sup> Segundo prédio do grupo em decorrência das inadequações pedagógicas do primeiro edifício doado pelo ministro Coelho e Campos.

<sup>13</sup> Sobre esse aspecto de visibilidade externa atribuída aos prédios escolares pode ser consultadas obras como Souza (2008), Bencostta (2007), Santos (2005) e Azevedo (2003).

Não será mister insistir na desvantagem que acarretou ao ensino a co-existência desses três estabelecimentos escolares no reduzido espaço de um estreito perímetro, mal servindo às zonas em que estavam collocados, por insuficiência da população escolar, em prejuízo das de outras zonas mais distantes e necessitadas (SERGIPE, 1925, p.14).

O presidente do estado apresentou os problemas ocasionados pela proximidade dos grupos. Em Aracaju, a proximidade entre os prédios das escolas graduadas foi notória e acarretou em discussões entre as lideranças políticas, pois havia a necessidade de expansão do ensino, do aumento do número de matrículas e muitas vezes, os imponentes grupos permaneciam com vagas ociosas em virtude da distância entre os prédios e os alunos. As cidades eram embelezadas, estava-se criando uma memória educacional republicana, mas a legitimação do regime com o aumento de eleitores alfabetizados permanecia distante. A maior parte da população teve que vislumbrar a magnitude dos prédios escolares somente pela fachada. Os prédios que se impunham sobre os logradouros mantiveram a população afastada<sup>14</sup>.

## REFERÊNCIAS

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 95-140.

BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 99-181.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. **Arquitetura e educação**: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas. 1893- 1971. São Carlos: EDUFSCAR; Brasília: INEP, 2002.

---

<sup>14</sup> No início do processo de implantação dos grupos escolares em Sergipe ocorreu muita resistência dos pais em matricularem seus filhos nessas instituições. Muitas famílias pobres preferiam manter seus filhos nas escolas isoladas e os governantes evidenciaram essa situação por meio de críticas nos relatórios e mensagens. Nessas mensagens os presidentes do estado alegaram que os motivos da resistência eram a imponência dos prédios e a presença de alunos da elite que inibiam as famílias pobres, a excessiva proximidade entre os grupos e a distância entre os grupos e o alunado. Assim Graccho Cardoso alegou em sua mensagem que “nestes últimos tempos, formou-se uma corrente de opiniões infensas à instituição dos grupos escolares. Os partidários de tais sugestões allegam que as crianças de famílias mal remediadas não os freqüentam, por não servirem de pasto á critica desapiedada dos condiscipulos opulentos; que, na hypothese provável das povoações estenderem a sua área de edificação, os meninos residentes nos pontos mais afastados ficarão impossibilitados de comparecer às aulas diariamente; que, com o accrescimento do numero de habitantes, não haverá logar para o excesso da população em idade escolar e, por fim, que são muito onerosas as dispesas com a construcção dos edificios e sua manutenção” (SERGIPE, 1924, p. 18-9).

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial. Rio de Janeiro: UFRJ; Relume-Dumá, 1989.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. 3. ed. Aracaju: Banese, 2002.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe**: República (1989-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DIÁRIO DA MANHÃ. **Diário da Manhã**. Aracaju. N. 2133, 3 nov. 1918.

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo. In: **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

FRAGO, Antonio Viñao. El espacio y el tiempo escolares como objeto históricos. In: **Contemporaneidade e educação**. n. 7. Rio de Janeiro: IEC, 2000. p. 100-101.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n. 1, p. 10-36, jan./jun. 2001,

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A escola no espelho: São Paulo e a implantação dos grupos escolares no Estado de Sergipe. In: VIDAL, Diana (org). **Grupos escolares**: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas: Mercado das Letras, 2006. p. 153-172.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: USF, 2002.

PORTO, Fernando. **Cidade de Aracaju (1855-1865)**: ensaio de evolução urbana. 2. ed. Aracaju: SEEC, 1991.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Olhares vigilantes sobre o ensino primário aracajuano: o caso do Grupo Escolar Barão de Maroim (1917-1950). In: **Revista de Aracaju**, Aracaju, ano 61, n. 11. p. 103-123, 2005b.

\_\_\_\_\_. O Grupo Escolar Barão de Maroim. In: **Cadernos UFS: História da Educação**. São Cristóvão: Ed. da UFS, 2005c. p. 79-90.

SERGIPE. Collecção de leis decretos do Estado de Sergipe de 1919. Aracaju: Imprensa Oficial, 1920.

\_\_\_\_\_. Programma para o curso primário nos grupos escolares e escolas isoladas do Estado de Sergipe. In: **Estado de Sergipe**. n. 5123, 15 fev. 1917.

\_\_\_\_\_. **Mensagem do presidente do estado de Sergipe Maurício Graccho Cardoso dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1924, ao instalar a 2ª sessão Ordinária da 15ª Legislatura.** Aracaju: Imprensa Oficial, 1924. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 05, doc. 06, vol. 85.

\_\_\_\_\_. **Mensagem do presidente do estado de Sergipe Maurício Graccho Cardoso dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1925, ao instalar a 3ª sessão Ordinária da 15ª Legislatura.** Aracaju: Imprensa Oficial, 1925. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 05, doc. 07, vol. 86.

\_\_\_\_\_. **Mensagem do presidente do estado de Sergipe Manuel Prisciliano Oliveira Valadão dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1917, ao instalar a 1ª sessão Ordinária da 13ª Legislatura.** In: **Estado de Sergipe**, Aracaju, n. 5279, 11 set. 1917.

\_\_\_\_\_. **Mensagem do presidente de Sergipe Manuel Prisciliano Oliveira Valladão dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1918, ao instalar a 2ª sessão Ordinária da 13ª Legislatura.** Aracaju: Imprensa Oficial, 1918. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 04, doc. 13, vol. 79.

\_\_\_\_\_. **Mensagem do presidente do estado de Sergipe Pereira Lobo dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1920, ao instalar a 1ª sessão Ordinária da 14ª Legislatura.** Aracaju: Imprensa Oficial, 1920. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 05, doc. 02, vol. 81.

\_\_\_\_\_. **Mensagem do presidente do estado de Sergipe Pereira Lobo dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1921, ao instalar a 2ª sessão Ordinária da 14ª Legislatura.** Aracaju: Imprensa Oficial, 1921. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 05, doc. 04, vol. 83.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1889-1910).** São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.

SOUZA, Terezinha Oliva de. **Impasses no federalismo brasileiro**: Sergipe e a revolta de Fausto Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: UFS, 1985.

VALADÃO, Manuel Prisciliano Oliveira. Discurso proferido na inauguração do Grupo Escolar Barão de Maroim. In: **Estado de Sergipe**, Aracaju, n. 5229, 10 jul. 1917.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes. **As lentes da história**: estudos da história e historiografia da educação no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2005.

WOLFF, S. F. Santos. **Espaço e educação**: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo.